

# A fria memória da imagem: o paralelo de duas cidades no sul da América do Sul

Ubirajara Buddin Cruz<sup>1</sup>

Francisca Ferreira Michelin<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho traça um paralelo entre semelhanças e diferenças que duas cidades, uma brasileira e outra uruguaia, tiveram a partir da implantação de uma grande indústria de beneficiamento de alimentos de origem animal.

**Palavras-chave:** Patrimônio industrial; Memória social; Fotografia; Frigorífico Anglo.

## ABSTRACT

This essay traces a parallel between the similarities and differences that the two cities, one Brazilian and the other Uruguayan, have had from the deployment of a large industry of food processing of animal origin.

**Key words:** Industrial heritage; Social memory; Photography; Frigorífico Anglo.

## INTRODUÇÃO

Duas cidades no sul da América do Sul, uma brasileira, outra uruguaia, guardam na memória de grande parcela dos seus habitantes, uma história em comum. A história de uma grande indústria que as impactou de maneira bastante significativa.

Ambas as cidades se debruçam às margens de um curso d'água (figuras 1 e 2), o canal São Gonçalo e o rio Uruguai. Em comum, elas têm, também, no final do século XIX, a pecuária como base da economia e localizações privilegiadas.

No Brasil, a cidade é Pelotas, localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul. No Uruguai, é Fray Bentos, capital do Departamento de Río Negro, localizada ao oeste do país. De acordo com a Figura 3.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural, ubirajara.cruz@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História, fmichelon.ufpel@gmail.com

**FIGURA 1** - Canal São Gonçalo  
**Fonte:** acervo do autor



**FIGURA 2** - Rio Uruguai  
**Fonte:** acervo do autor



**FIGURA 3** - Localização de Pelotas e Fray Bentos

**Fonte:** <http://www.bing.com/maps/>



Tanto em uma, quanto na outra, o elemento que mais as aproxima é uma grande indústria, já extinta, o Frigorífico Anglo, antes lugar de trabalho, agora, lugar de memória. Embora estas semelhanças tenham sido tão grandes no passado, no presente, no entanto, a situação é bem diferente. O uso da fotografia, como fortalecimento da memória, neste trabalho é uma espécie de defesa contra o esquecimento, embora, como disse Michelin (2013, p.59) o seu uso é esperançoso, mas destituído de ingenuidade. Na ausência de documentos, relatos vacilantes, a esperança passa a residir nas imagens.

De acordo com Lagemann (1985), a iniciativa da construção de um frigorífico em Pelotas foi de um grupo de investidores, entre eles a União de Criadores do Rio Grande

do Sul, a Associação Commercial de Pelotas, sendo o principal acionista, o Banco Pelotense. Em 1918 teve início a história do complexo industrial da Companhia Frigorífico Rio Grande. A planta industrial começou com obras de um ramal ferroviário, um trapiche, oficinas, depósitos e câmaras frias, próprios para a instalação de um frigorífico. Segundo Michelin (2012), era considerado, para a época, um complexo de tamanho grande, que deveria abater quinhentas reses por dia. Além disso, estaria apta para conservar frutas, laticínios e demais produtos perecíveis. Logo no início da construção, atrasos na obra anunciavam problemas que se avolumariam até que o empreendimento fosse vendido para o grupo inglês Vestey Brothers, em 1921, pouco depois de concluída a obra. Em 14 de março de 1921 foi lavrada a escritura e, em novembro do mesmo ano, começou a funcionar, com o nome *The Rio Grande Meat Company*. Em 1924 muda o nome para Frigorífico Anglo de Pelotas. Funciona fracamente até 1926, quando fecha definitivamente.

Desativado por longos 15 anos, em 1942, para aproveitar o momento vantajoso da Segunda Guerra Mundial, começaram obras de ampliação e adequação do frigorífico. Em 17 de dezembro de 1943, foi inaugurado o Anglo, maior realização industrial da cidade, de acordo com notícia veiculada pelo jornal *Diário Popular*<sup>3</sup>. Ao longo dos anos, novos prédios foram construídos, modernizados e adaptados para atender as exigências da inspeção sanitária e atender novos processamentos e produtos.

Com o surgimento de diversos frigoríficos nacionais nos anos de 1970, as empresas estrangeiras começaram a deixar o país. A última a sair foram os Vestey Brothers, que encerrou suas atividades vendendo todos os seus frigoríficos em 1993. O Frigorífico Anglo de Pelotas foi desativado em 1991.

No Uruguai, o surgimento do Anglo se deu bem antes. Tal como aconteceu em Pelotas, a indústria não começou pelas mãos dos Vestey Brothers, que a adquiriram posteriormente. A industrialização da carne naquele país se deu em 1865, quando, após uma autorização de Justus Von Liebig, uma associação de capitais atrelados ao comércio de gado instala uma fábrica de extrato de carne, onde seria, posteriormente, a cidade de Fray Bentos, capital do Departamento de Río Negro. A *Liebig's Extract of*

---

<sup>3</sup> Inaugura-se hoje o Frigorífico Anglo. **Diário Popular**. Pelotas, 17 dez. 1943. p.8.

*Meat Company Limited*, a LEMCO, fabricou de forma inédita em escala industrial, o extrato de carne (figura 4), distribuído por toda Europa, Austrália e países asiáticos. Após uma longa trajetória a LEMCO foi arrendada pelo grupo Vestey Brothers em 1924, dando início à longa história do Anglo no Uruguai. Logo ao assumir a planta industrial da LEMCO, os novos proprietários trocaram seu nome para Frigorífico Anglo del Uruguay (DOUREDJIAN, 2009). Para Pesavento (1980, p.42), o aumento de emigração estrangeira, não só de ingleses, mas diversas nacionalidades, proporcionou a mentalidade capitalista na região. Com isso, vieram novas ideias, novas técnicas e melhoramentos na produção.

**FIGURA 4** – Extrato de carne Liebig

**Fonte:** Museo de la Revolución Industrial



Embora não haja prova definitiva, segundo conversação com o diretor do Museo de la Revolución Industrial, Mauro Delgrosso, existe uma suspeita de que a negociação da LEMCO, que resultou da compra pelo Grupo Vestey Brothers, tenha sido um acordo de pós-guerra entre Alemanha e Inglaterra (informação verbal)<sup>4</sup>. Este é um assunto que pode ser investigado posteriormente.

## **PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA**

---

<sup>4</sup> Dado fornecido em visita ao Museo de la Revolución Industrial, por Mauro Delgrosso em setembro de 2013.

A definição de patrimônio, nas palavras iniciais de Françoise Choay, “estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” (CHOAY, 2006, p. 11). Para ela, “a expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias” (Ibid, 2006). Porém a definição cresceu e o domínio patrimonial também compreende outras categorias, entre elas, uma criada na França, em 1986, pela Comissão Superior dos Monumentos Históricos, a de *patrimônio industrial*, que não se limita apenas a edifícios individuais, mas até cidades inteiras. Quando uma indústria encerra suas atividades, os restos do que foi um lugar de trabalho, objetos, maquinários, prédios, documentos, são vestígios e testemunhos de processos produtivos, que, com o passar do tempo, quando os métodos tradicionais do trabalho foram sendo substituídos pelo desenvolvimento de tecnologias mais avançadas, se tornaram obsoletos. Em um sentido mais amplo, Maria Letícia Ferreira (2009, p.22) nos diz que “a noção de patrimônio industrial nos remete a ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória”. Seguindo seu raciocínio, os lugares de memória se instauram quando já não há mais o referente. Na Carta de Nizhny Tagil (2003), encontramos a seguinte definição:

El patrimonio industrial se compone de los restos de la cultura industrial que poseen un valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico o científico. Estos restos consisten en edificios y maquinaria, talleres, molinos y fábricas, minas y sitios para procesar y refinar, almacenes y depósitos, lugares donde se genera, se transmite y se usa energía, medios de transporte y toda su infraestructura, así como los sitios donde se desarrollan las actividades sociales relacionadas con la industria tales como la vivienda, el culto religioso o la educación. (CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE EL PATRIMONIO INDUSTRIAL, 2003).

As extintas plantas industriais dos frigoríficos estudados se enquadram perfeitamente como patrimônio industrial e as intervenções feitas sobre estes antigos lugares de trabalho não podem fazer desaparecer suas funções originais. Em Pelotas, a intervenção interna dos antigos prédios de abate, processamento e das câmaras frias, pela Universidade Federal de Pelotas, foi tão drástica que, não fosse o esforço de um grupo de pesquisadores em criar um memorial no que antes fora uma das câmaras, hoje não haveria quase vestígio das funções originais do prédio. No entanto, no lado de fora a imponência dos grandes edifícios evocam memórias (figura 5), mesmo que

também aí as agressões tenham sido grandes, como a supressão do frontão do prédio onde se enlatavam as conservas e onde se podia ler o nome Anglo em letras vermelhas. Outros vestígios da indústria também foram perdidos, como os currais e a rampa que levava à sala do abate, como se pode ver na fotografia de Gustavo Vara, antes do prédio ser adquirido pela UFPel (Figura 6).

**FIGURA 5** - Antigo Frigorífico Anglo de Pelotas, atual Campus Porto da UFPel

**Fonte:** acervo do autor



Para Pierre Nora (1993), a curiosidade por lugares onde a memória se cristaliza e se refugia, está ligada a um momento particular da história. Para ele, há locais de memória porque não há mais meios de memória.

Em Fray Bentos, no entanto, os remanescentes do antigo frigorífico continuam marcando a paisagem com imponência. Embora danificados pela ação do tempo, os prédios continuam guardando as mesmas características de quando a indústria deixou de operar em 1967. Ainda operou como Frigorífico Nacional até 1971, quando fechou definitivamente. Deste momento em diante, começa um processo de patrimonialização do lugar.

**FIGURA 6** - Antigo Frigorífico Anglo de Pelotas

**Fonte:** Acervo de Gustavo Vara



No ano de 1987, o complexo fabril e o Bairro Anglo são declarados como Monumento Histórico Nacional, nível máximo de proteção no Uruguai. Em 2005 é criado o Museo de la Revolución Industrial (figura 7), tendo logo após a ampliação da área que fora tombada em 1987 e o todo passa a se chamar Sistema Patrimonial Industrial Anglo. É criada uma comissão de gestão, integrada pela Intendencia Departamental de Río Negro, a Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación CPCN-MEC e a Dirección Nacional de Ordenamiento Territorial. Em 27 de janeiro 2010, é incluído na lista da UNESCO para ser declarado como Patrimônio Cultural da Humanidade com o nome **Paisaje Cultural Industrial Fray Bentos**. A UNESCO classifica o complexo como Projeto Piloto em 2011, integrando dez projetos nesta categoria no mundo todo. Em junho deste ano foi apresentado um dossiê à UNESCO, que solicitou algumas adequações.

**FIGURA 7** - Museo de la Revolución Industria

Fonte: acervo do autor



Como se pode ver, em Fray Bentos há todo um suporte de memória. Nas antigas instalações industriais, há todo o maquinário, ferramentas, mobiliário, documentos, fotografias. Com este estudo, pretende-se compor pelo método de “empréstimo”, uma trajetória visual, construir uma indústria recuperada pela imagem, um processo memorial através das fotografias. Para isso temos em mãos um extenso acervo fotográfico atual, tanto de Pelotas, como de Fray Bentos, bem como de dois bancos fotográficos, um do Departamento de Documentos Fotográficos do Archivo General de la Nación, de Buenos Aires e outro do Archivo Nacional de la Imagen del Sode, Montevideú.

## REFERÊNCIAS

CAMPODÓNICO, Gabriela. **El Frigorífico Anglo**: memoria urbana y memoria social en Fray Bentos Disponível em:

<<http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2000/7-campodonico.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2013.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARTA de Nizhny Tagil sobre el patrimonio industrial. Moscú: [s.n.], 2003.

DOUREDJIAN, Alberto. **Sobre inmigrantes y frigoríficos**: el Anglo y los trabajadores (1924-1954). Montevideo: Tradinco, 2009.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Museologia e patrimônio**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.22-34, jan./jun. 2009.

LAGEMANN, Eugênio. **O Banco Pelotense e o sistema financeiro regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MICHELON, Francisca Ferreira. Fotografias para preencher o vazio da memória: arquivos de imagens dos frigoríficos Anglo em Pelotas/Brasil e Fray Bentos/Uruguai. In: SOSA GONZÁLEZ, Ana María; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; REY ASHFIELD, William (orgs.) **Patrimônio cultural: Brasil e Uruguai os procesos de patrimonialização e suas experiências**. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2013. p.59-80.

\_\_\_\_\_. **Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente**. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p.7-27, 1993.

PESAVENTO, Sandra. **República Velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores**. Porto Alegre: Movimento IEL, 1980.

SILVA, Neuza Regina Janke da. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário: o Frigorífico Anglo de Pelotas: 1940-1970, 1999**. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.